



The Genesis Exhibition: Do Ho Suh: Walk the House, na Tate Modern



Rubbing / Loving Project: Seoul Home, 2013-2022

Foto: Sebastian Mrugalski

*Visitar The Genesis Exhibition: Do Ho Suh: Walk the House na Tate Modern
é ser confrontada por uma pergunta: o que significa ter uma casa?*



Nest/s, 2024

Foto: Jeon Taeg Su

O espaço me recebe com um hanok coreano, erguido não em madeira ou concreto, mas em papel. Cada folha foi pressionada contra a casa de infância do artista e depois esfregada com grafite (*frottage*), revelando cada textura. O papel está gasto, amarelado, marcado pela umidade. Ainda assim, resiste. Parece um memorial – à infância, à arquitetura, ao tempo que passa e insiste em permanecer.

Essa operação de *frottage* ao espaço até arrancar-lhe uma memória, ressurgue também em *Rubbing/Loving: Company Housing of Gwangju Theater* (2012). Nessa obra, Suh e seus assistentes cobriram com papel o interior de um edifício que permanecera vazio após o Massacre de Gwangju, em 1980, quando o governo militar sul-coreano reprimiu brutalmente os protestos populares. Vendados, eles friccionaram as paredes,

Robin Hood Gardens, Woolmore Street, London E14 0HG, 2018

Foto: Still © Do Ho Suh



tentando resgatar aquilo que fora silenciado pela censura: a memória de um trauma coletivo apagado da história oficial. Um canto do espaço, curiosamente, não foi tocado por ninguém – como se o vazio também tivesse sua forma de se impor. Hoje, a obra aparece desdobrada em estrutura bidimensional, como se fosse a planta baixa de uma ausência. Entre o íntimo e o político, ela revela como a casa pode ser não só abrigo, mas também testemunho, arquivo e ferida.

Avanço pela exposição e encontro os corredores de tecido translúcido, coloridos. São casas portáteis, feitas de náilon e organza, que deixam o corpo atravessar suas paredes. Há uma delicadeza nos detalhes: batentes, interruptores, maçanetas. Enquanto caminho, penso que talvez o lar esteja mesmo nesses pequenos detalhes. O filósofo francês Bachelard escreveu que a casa guarda nossas lembranças mais íntimas nos cantos e objetos mais banais – e percebo como as costuras de Suh tornam visível essa poética do espaço.

Mas essas casas não se enraízam. Elas podem ser dobradas, guardadas, transportadas em uma mala. Habitar, aqui, não é fixar-se, mas mover-se. Ao atravessá-las, penso que habitar é criar raízes, encontrar solo firme no mundo. E, no entanto, diante dessas arquiteturas frágeis, percebo que

*Perfect Home: London, Horsham,
New York, Berlin, Providence,
Seoul (detalhe), 2024*

Foto: Jeon Taeg Su



Nest/s (detalhe), 2024

Foto: Jeon Taeg Su



Rubbing / Loving: Company Housing of Gwangju Theater, 2012

Foto: Prudence Cuming Associates





Home Within Home (1/9 Scale), 2025, installation view
Foto: Tate / Jai Monaghan



Perfect Home: London, Horsham, New York, Berlin, Providence, Seoul, 2024, installation view
Foto: Tate / Sonal Bakrania



Nest/s, 2024, installation view
Foto: Tate / Jai Monaghan

habitar pode ser também aprender a carregar o espaço conosco, como uma segunda pele.

São casas que acolhem, mas que também se mostram frágeis demais para oferecer abrigo definitivo. Um lar que conforta, mas que não protege por inteiro. Talvez seja nesse entre-lugar que o artista vive – não de um lado ou de outro, mas na passagem, no intervalo.

Há algo de melancólico em atravessar essas estruturas. Elas são reconstruções, mas também fantasmas. Memórias que não podem ser recuperadas por completo, só evocadas em forma de espectro. E ao caminhar por dentro delas, sinto que entro em lembranças que não são minhas, mas que poderiam ser.

Alguns críticos disseram que Suh transforma arquitetura em memória visível. Concorro, mas diria ainda que ele nos lembra de algo mais: que todo lar, mesmo o mais sólido, é sempre frágil e transitório. Reconheço nos tecidos coloridos e nas paredes de papel uma verdade simples e difícil – a casa não é apenas o lugar onde moramos, mas aquilo que carregamos conosco, no corpo e na memória.

Quando deixo a galeria, levo comigo a sensação de que o lar nunca é fixo. Ele se desfaz

e se reconstrói dentro de nós, nos nossos deslocamentos, nos afetos, nas lembranças. O lar é um espaço portátil, feito de camadas frágeis, que nos acompanha como uma sombra. E talvez seja justamente nessa condição – entre o que se perde e o que se reinventa – que aprendemos, de fato, o que significa habitar.

SERVIÇO

The Genesis Exhibition: Do Ho Suh: Walk the House

Até 26 de outubro

Tate Modern

Bankside, London SE1 9TG

<https://www.tate.org.uk/whats-on/tate-modern/the-genesis-exhibition-do-ho-suh>

Fotos: Maria Hermínia Donato

